



## APRESENTAÇÃO – DOSSIÊ “ESTILÍSTICA: A EXPRESSIVIDADE EM CENA”

Alessandra Ferreira Ignez<sup>1</sup>

*Instituto Federal de São Paulo (IFSP)*

Elis de Almeida Cardoso<sup>2</sup>

*Universidade de São Paulo (USP)*

Pedro da Silva de Melo<sup>3</sup>

*Universidade Federal do Acre (UFAC)*

É com grande satisfação que apresentamos aos leitores este número da revista “Primeira Escrita”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Aquidauana.

A primeira parte, a seção homenagem, com dois textos em que se celebra a memória e a contribuição científica da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Guaraciaba Micheletti (1948-2024), por muitos anos professora de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLCV-FFLCH-USP).

O primeiro texto, de Alessandra Ferreira Ignez, Ana Elvira Luciano Gebara, Elis de Almeida Cardoso e Magalí Sparano, intitula-se “POESIA, EXPRESSIVIDADE E ENSINO, AS MÚLTIPLAS FACES DE GUARACIABA MICHELETTI”, apresenta um perfil biobibliográfico de Guaraciaba, relatando pontos altos de sua biografia acadêmica, seu interesse pela Estilística e seu papel de estilióloga, ou seja, especialista em Estilística. As autoras também destacam a produção literária da Professora Guaraciaba e seu papel de formadora de novos professores.

O segundo texto desta seção intitula-se “VINÍCIUS POR GUARACIABA: A SEDUÇÃO DA POESIA”, de Pedro da Silva de Melo, apresenta uma resenha do livro “A poesia, o mar e a mulher: um só Vinícius”, publicado pela Professora Guaraciaba em 1994. Trata-se da tese defendida pela professora dois anos antes no Departamento de Teoria Literária e Literária da FFLCH-USP, sob orientação do Prof. Dr. Davi Arrigucci Júnior. Vislumbra-se nessa obra a pesquisadora rigorosa e erudita, que procedeu a uma exegese estilística da poesia de Vinícius de Moraes.

A segunda seção é o dossiê propriamente dito, e apresenta cinco estudos que mostram a possibilidade de múltiplos olhares sobre o estilo e a linguagem. Embora cada estudo apresente distintos objetos de análise, todos têm em comum o exame de um texto literário. O que notaremos é que, embora tratem de gêneros poéticos ou prosaicos, seus referenciais teóricos conduzem o leitor a reflexões que ampliam o olhar sobre o estilo na linguagem.

O que, afinal, é a Estilística?

A Estilística moderna surge com Charles Bally (1865-1947), em 1909, com a publicação do *Traité*

---

<sup>1</sup> É doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora do Ensino Básico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de São Paulo, campus Canindé. E-mail: ale\_ignez@hotmail.com

<sup>2</sup> É doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora Sênior do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP. E-mail: elisdacar@usp.br

<sup>3</sup> É doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Acre, lotado no Centro de Educação e Letras, campus de Cruzeiro do Sul. E-mail: prof.pedromelo@gmail.com



de stylistique française (Tratado de estilística francesa). Dizemos “moderna” porque, na realidade, a Estilística tem suas raízes na Antiguidade, em dois importantes estudos da linguagem, a Retórica e a Poética.

A Retórica e a Poética, cada uma a seu modo, em algum momento focalizava não só a organização e a estrutura do discurso, como também o seu lado afetivo. É justamente a afetividade o objeto de estudo de Bally.

Mas o que distinguia a tese de Bally dos estudos clássicos e de outras vertentes da Estilística que viriam depois, é que o autor centrava a afetividade como inerente ao sistema linguístico, ou seja, à langue – se pensarmos na dicotomia langue/parole tratada no Cours de linguistique générale, que o próprio Bally e Albert Secheyahe organizaram em 1916 a partir de anotações de aulas de Ferdinand de Saussure.

“Estilística”, palavra criada por Bally, é, *ipsis litteris*, o “estudo do estilo”. Mas o que é, propriamente o “estilo”, objeto de estudo da Estilística?

A palavra “estilo” vem do latim, *stilus*, que designava um instrumento pontiagudo utilizado para escrever. Por metonímia, “estilo” passou a referir-se à própria escrita, às suas características e, *lato sensu*, a qualquer conjunto de traços formais e estéticos que identificam uma obra, um autor ou um dado período.

Para Bally, a linguagem não expressa apenas ideias ou conceitos, mas também sentimentos. A estilística é o estudo dos procedimentos utilizados para produzir tais sentimentos. O que distingue a tese de Bally de outras correntes posteriores da Estilística, é que seu objetivo era descrever essencialmente esses traços no sistema linguístico (a langue) e não no discurso (a parole). Em outras palavras, Bally não se preocupava com a literatura ou outras manifestações discursivas – seu olhar voltava-se para a estrutura da língua, analisando-a independentemente do indivíduo, compreendendo a expressividade com imanente ao sistema. Dito de outro modo, Bally propõe uma Estilística linguística ou descritiva, de modo que seus pressupostos teóricos nos permitem examinar qualquer manifestação da linguagem humana.

Em oposição à tese de Bally e, de certo modo, recuperando a Poética Clássica, outros teóricos principalmente o filólogo alemão Karl Vossler (1872-1949) e o filólogo austríaco Leo Spitzer (1887-1960) voltam-se para o que há de individual nas manifestações da linguagem, na subjetividade do sujeito. A Estilística de Vossler e Spitzer, centrada no indivíduo, é idealista e literária, visto que o discurso literário é a principal manifestação da subjetividade humana, ao utilizar o código linguístico com intenção artística e, portanto, estética.

Tais concepções são, em princípio, excludentes, uma vez se voltam, respectivamente para os polos opostos da dicotomia langue/parole. Mais tarde, outros autores propõem uma integração entre as duas abordagens estilísticas.

De Bally, Vossler e Spitzer para cá, diversos estudiosos voltaram suas atenções para a expressividade na linguagem, o que possibilita, modernamente, uma interface produtiva da Estilística com outros estudos da Linguagem, tais como a Análise do discurso, a Semântica, a Linguística textual, a Análise da Conversação, a Semiótica, a Pragmática, entre outras. Também, no campo dos estudos literários, a Estilística pode oferecer suporte para estudos produtivos sobre Hermenêutica, Estética da Recepção, Estudos Culturais, Estudos Pós-Coloniais etc.

Os cinco artigos certamente oferecerão aos leitores um olhar acurado sobre a linguagem.

O primeiro artigo, “UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DAS MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO EM PERÍODOS DE EXCEÇÃO N'OS POEMAS POSSÍVEIS, DE JOSÉ SARAMAGO”, de Antonio Tiago Lopes dos Santos, fundamenta-se na Estilística idealista, ao focalizar os traços da linguagem da poesia de José Saramago, fundamentando-se nos estudos de Estilística de José Lemos Monteiro (2009). Estabelece um produtivo



diálogo entre os estudos literários – ao citar, por exemplo, Candido (1989) e trabalhos sobre José Saramago – e os estudos linguísticos, trazendo para sua análise importantes referenciais de Câmara Jr. (1978), Fiorin (1989) e Martins (2008), por exemplo. Com esse quadro teórico, o autor analisa os recursos poético-discursivos do livro *Poemas possíveis* (publicado em 1966), relacionando a obra ao contexto de produção, o período da ditadura salazarista. O artigo é de muito interesse inclusive por examinar uma faceta da obra de José Saramago menos celebrada pelo grande público, que é a sua poesia.

O segundo artigo, “ENTRE A ESTILÍSTICA SPITZERIANA E A TEORIA INTERACIONISTA BLACKIANA: UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS EM A DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE”, de Cristhyan Emanuel Monteiro Gomes, debruça-se sobre uma obra também da literatura portuguesa, mas distinguindo-se pela escolha do romance contemporâneo “A desumanização”, do escritor Valter Hugo Mãe (publicado em 2013). Neste trabalho, o autor também inter-relaciona a Estilística literária com a linguística, retomando as teses de Leo Spitzer, citado por Monteiro (2009) e Martins (2012). Ressalte-se que o autor escolhe a metáfora como categoria de análise, baseando-se nos estudos mais modernos da metáfora cognitiva ou conceptual, o que é, sem dúvida, uma grande contribuição para os estudos do estilo. O autor articula significativos estudos, como os de Aguiar e Silva (1979) e Black (1979), por exemplo. É um estudo que certamente atrairá a atenção não só dos leitores de Valter Hugo Mãe, como também dos estudiosos da metáfora.

O terceiro artigo, “A REPRESENTAÇÃO LÉXICO-ESTILÍSTICA DA INFÂNCIA EM O AMOR DOS HOMENS AVULSOS, DE VICTOR HERINGER”, de Isadora de Plato, também se volta para a prosa de ficção, examinando o romance “O amor dos homens avulsos”, do brasileiro Victor Heringer (publicado em 2016). A autora analisa a obra por meio de um eixo temático, a “infância”. Trata-se de um procedimento clássico dos estudos estilísticos, que se revela muito produtivo nas mãos de um estudioso hábil. A autora fundamenta-se em referências consagradas da Estilística, tais como Riffaterre (1971, 1989), Cressot (1963), Ullmann (1964), articulando-as a obras mais recentes, fundamentadas nos estudos do léxico (Cardoso, 2016) e da Morfologia (Gonçalves, 2016). Trata-se de um artigo que certamente interessará muito aos leitores interessados na criatividade lexical.

O quarto artigo, “O DEVIDO USO DA LUSITANA LÍNGUA: PARÓDIA E PENSAMENTO POÉTICO NO ESTILO DE IBÉRIA, DE ALONSO JR.”, de Raphael Bessa Ferreira e Adonai da Silva de Medeiros, também se volta para a obra de um autor contemporâneo, da Amazônia brasileira, o escritor Alonso Júnior, examinando o livro de poemas *Ibéria*, publicado em 2023. Nesse estudo, os autores revisitam o clássico de Mikhail Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, e seu produtivo conceito de carnavalização, ao tratar de procedimentos carnavalizantes e parodísticos presentes na referida obra que serve de corpus para o estudo dos autores. Ferreira e Medeiros demonstram como o poeta Alonso Jr. realiza expressivos jogos intertextuais com autores clássicos como Gil Vicente, Camões, Drummond e Pessoa. Trata-se de um estudo robusto, em que os autores, por meio de referências significativas como Bakhtin (1987, 2011), Staiger (1969), Friedrich (1978) nos trazem reflexões originais sobre procedimentos estilísticos em um autor contemporâneo.

Por fim, o quinto e último artigo, “UM ESTUDO ACERCA DAS METÁFORAS E MESCLAS CONCEITUAIS DO HUMANO E DO NÃO HUMANO EM UMA SELEÇÃO DE POEMAS DE ARNALDO ANTUNES”, de Sandra Mina Takakura, debruça-se sobre a poesia de um autor contemporâneo, o poeta brasileiro Arnaldo Antunes. A autora analisa metáforas conceituais recolhidas de três livros do poeta. Trata-se de um estudo denso, com base em Lakoff e Johnson (2003) e Fauconnier e Turner (2002), referenciais da teoria da metáfora cognitiva ou conceptual, e em pressupostos da Semântica. A autora demonstra a expressividade de tais escolhas lexicais da obra de Arnaldo Antunes, analisando os efeitos de sentido produzidos nos contextos, ao tratar dessas escolhas por uma perspectiva neológica, inclusive utilizando



corpora de exclusão a fim de fundamentar sua análise. É um estudo de grande interesse para os interessados em temas como neologismo, metáfora e poesia.

Fazemos votos de que todas essas leituras sejam proveitosas aos pesquisadores e interessados em Estilística.

Os organizadores,

Alessandra Ferreira Ignez (IF-SP)

Elis de Almeida Cardoso (USP)

Pedro da Silva de Melo (UFAC)